

A INFLUÊNCIA DO ESTRANGEIRISMO NA LÍNGUA PORTUGUESA

FIGUEIREDO, Virgínia Azevedo

OLIVEIRA, Maria Izabel Resende

SANTOS, Ana Laura de Oliveira

LEITE, Tânia Regina Carvalho Santos

Professora MSC Orientadora

RESUMO

Este artigo descreve a influência de estrangeirismos no Brasil, partindo de pressupostos teóricos. A partir de críticas feitas à inserção do estrangeirismo em nossa língua, em especial do Projeto de Lei número 1676, de 1999, do Deputado Federal Aldo Rebelo, que “Dispõe sobre a promoção, a proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa”. Este trabalho tem como objetivo mostrar como o estrangeirismo se constitui em mais um dos acréscimos à natureza mutável de uma língua. A fim de elucidar este processo, mostraremos a relação da língua a partir do condicionamento de variáveis extralingüísticas de natureza sócio-histórico-cultural.

No desenvolvimento deste trabalho será abordado a contribuição da globalização para o estrangeirismo, especialmente a língua inglesa no Brasil; quais os problemas originados pela invasão e sua causa ao nosso idioma; de que maneira esta invasão está acontecendo; a evolução da língua, a questão das mudanças que ocorrem, em que meios o estrangeirismo mais se manifesta, qual a importância sócio-cultural da miscigenação de idiomas, esclarecer o que dizem os “defensores” da língua portuguesa e abordar a importância de se fazer parte do processo de evolução do estrangeirismo.

A INFLUÊNCIA DO ESTRANGEIRISMO NA LÍNGUA PORTUGUESA

Estrangeirismo é o emprego de termos estrangeiros na língua portuguesa. São diversas as palavras estrangeiras utilizadas presentemente em nosso país, delas alguma são justificáveis, outras nem tanto. O estrangeirismo pode ser considerado como um vício de linguagem que consiste no uso de palavras, expressões ou estruturas próprias de língua estrangeira, ou mesmo termo lingüístico que se faz presente na fala ou escrita de uma língua mater e que provém diretamente de outra língua.

A preocupação pela defesa da soberania da língua pátria originou o interesse por este trabalho que tem como objetivo geral, pesquisar a influência do estrangeirismo na língua portuguesa e, como específicos, reações dos estudiosos em relação a essa influência, a análise do Projeto de Lei do deputado Aldo Rebelo e o uso indiscriminado de palavras de outros idiomas em nosso vocabulário.

Diariamente, em quaisquer que sejam os meios de comunicações, prestações de serviços, produtos do comercio varejistas dentre outros, a língua portuguesa falada no Brasil recebe invasões de outros idiomas, mais diretamente do inglês americano, em decorrência da supremacia econômica dos Estados Unidos não somente sobre o Brasil, mas, também e principalmente sobre países de origem latina.

A chamada descaracterização da língua portuguesa está presente diuturnamente: em diversos lares quando a juventude se conecta a rede mundial de informações para os tradicionais bate papos, ali palavras americanas estão presentes a todo instante com bastante evidencia.

Evidentemente que existem os que criticam e outros que defendem a entrada e utilização de forma continuada de palavras estrangeiras, este fenômeno indesejável e ameaçador de um dos elementos vitais do patrimônio cultural que é a língua materna.

Um dos fatos mais marcantes da identidade nacional está na existência de um imenso território com uma só língua, esta plenamente compreensível por todos os brasileiros, independente do nível de instrução e das peculiaridades regionais de fala e escrita. Para alguns esse privilégio está seriamente ameaçado em face da invasão do estrangeirismo.

Acredita-se que algumas circunstâncias tem levado a enfrentar com certa naturalidade o predomínio no Brasil desses recursos tão estranhos à cultura brasileira. O tempo não para e não se deve deixar a evolução do mundo surgir e passar sem que a acompanhe. É preciso que se faça algo para que a língua mãe não sofra interferência que venham aviltar a soberania e o povo deixe de contemplar, talvez o seu maior legado: uma única língua no extenso território.

Constata-se que nossa língua já não é suficiente para alimentar a globalização e o nosso português tão brasileiro, já não atrai ou é insuficiente na tarefa de conquistar clientes para as vendas e por isso apela para o vocabulário do imponente mercado americano.

É bastante natural que as coisas se passem dessa maneira, principalmente nos dias atuais, caracterizados, graças a um significativo progresso científico e tecnológico, pelo encurtamento das distâncias entre países e pela interpenetração dos diferentes povos do mundo, fatores facilitadores da ocorrência de empréstimos no campo lingüístico, que devem ser, de alguma forma, levados em conta quando a abordagem do assunto.

É importante ressaltar que o inglês é considerado uma língua em expansão, ela é de grande influência no mundo dos negócios, na literatura, na tecnologia, na ascensão profissional e social. A língua inglesa possui influência muito grande no poder da comunicação internacional, portanto, renunciar o idioma inglês na atualidade corre-se o risco de ficar à margem da civilização.

As línguas estrangeiras invadiram o Brasil, criando os denominados estrangeirismos, ou seja, termos e expressões de outras línguas que cada vez mais são empregados na língua falada e escrita no Brasil.

A abertura da economia brasileira e a globalização são processos irreversíveis, que atingem a todos das formas mais variadas de aprender a conviver com isso, porque as mudanças ocorrem de formas positivas para o cotidiano e mudanças que estão tornando a vida de muita gente.

O desenvolvimento da dependência recíproca de povos e países do nosso planeta está agregada a um aceleração do tempo. Portanto, tudo é dialético e ecoou o grito da liberdade de expressão sem fronteira. Deixou que os indivíduos procurassem expressar seus idiomas de forma livre para apreciarem aquilo que mais lhe convier, tendo como única lei a ser aplicada a um produto cultural o seu fracasso ou o seu sucesso. A globalização legitimou a subordinação da língua a certos povos em nome da fluidez da informação.

A globalização deixou um legado à língua portuguesa falada no Brasil que foi a miscigenação de idiomas. Especialmente o inglês americano, que independente de nossa vontade se infiltra cada vez mais na nossa língua materna, com suas palavras e expressões, sejam elas relacionadas à informática, rótulos, propaganda, músicas ou a quaisquer outros setores.

Em situações específicas de uso. Os estrangeirismos podem ser compreendidos pelos brasileiros, sem a necessidade de se aporuguesarem. Para compreender uma palavra no contexto de uso não implica a necessidade do conhecimento prévio de sua origem.

Nem mesmo o brasileiro mais culto e informado poderá entender termos que não façam parte do seu universo de referências. Só quem conhece o mundo de barcos a vela saberá o que o *estai*, a *giba*, a *sobregratinha*, a *ostarga* e a *draiva*, entre outros igualmente poéticos e estranhos, mas não são “português puro”. Para muita gente culta ele soa mais estranho que *drive*, *reset*, *insert* ou *download*. O nosso camponês, por outro lado, se for ligado ao esporte mais popular do país saberá perfeitamente o que é um gol, um penalti ou um drible, termos de origem inglesa que ficaram quase que inalterados no português do Brasil, bem como o nome do próprio futebol”. (Bagno, 2001, p.79).

Mesmo não sendo o inglês a língua oficial do Brasil, a sua influência e a convivência se tornam cada vez mais frequentes. Como exemplo, pode-se citar textos de revistas e jornais que utilizam frequentemente palavras de origem inglesa, da mesma forma como são empregadas nos Estados Unidos. Isto ocasiona um trauma aos leitores e quando empregados em sala de aula cria um sério problema para professores e alunos por desconhecer a pronúncia correta e o seu significado em português. A grafia inglesa arraigou-se na cultura brasileira através dos meios de comunicações, como jornais, televisões, revistas e até mesmo livros didáticos.

Especificamente em relação ao uso de estrangeirismos a seguinte declaração:

O sujeito que usa um termo em inglês no lugar de um equivalente em português, não é um idiota, conforme declaração na mídia, o normativista Pasquale Cipro. O uso de palavras como "liquidação" e sale e "entrega em domicílio" e delivery , não têm sentido equivalente: do estreito ponto de vista da significação podem ser equivalentes, mas não o são, no entanto, no ponto de vista do sentido. Os termos em inglês dão o sentido de modernidade, eficiência, o que não se obtém com o mesmo valor no português. Isso é prova de que, ainda intuitivamente e sem saber dar grandes explicações, as pessoas têm noção de que existem maneiras de falar a mesma língua. Fiorin (citações, p.32)

A cada dia fica mais difícil estancar a velocidade com que a língua inglesa se prolifera no Brasil por se tratar de uma língua de prestígio de um país poderoso economicamente o que facilita a sua expansão alterando, portanto, qualquer outra que encontre.

A história coroou o inglês como a língua do mundo, sentenciando o monolingüismo nos países de língua não inglesa a se tornar analfabetismo do futuro. Hoje, aprender inglês é uma necessidade, devido ao processo que leva o mundo a uma globalização econômica, intrinsecamente atrelada à globalização da língua.

Isso decorre de dois fatores: primeiro pelo grande poderio econômico da Inglaterra no Século XVIII, alavancado pela Revolução Industrial, e a conseqüente expansão do colonialismo britânico, que chegou a alcançar uma vasta abrangência geográfica (...). O segundo, corresponde "ao poderio político-militar dos Estados Unidos da América a partir da segunda guerra mundial, e a marcante influencia econômica e cultural resultante" que deslocou o francês dos meios de diplomáticos e solidificou o inglês na posição de padrão das comunicações internacionais (SCHUTZ, 2003b, p. 2).

Assim sendo, o poderio econômico, a força militar e a cultura americana, com o advento da guerra praticamente alijou a língua francesa, então a mais falada dentre as elites, e com o decorrer do tempo o idioma americano passou a ser praticado dentre os meios de difusão de diversos países.

Falar de estrangeirismo hoje é falar de língua viva, de relações, do mundo, da “aldeia global”, do acordo coletivo já aqui mencionado para entender a língua como um sistema, como um reflexo da sociedade e, acima de tudo, como um bem que precisa ser defendido, mas não limitado.

A língua como um bem coletivo que é sofre muitas variações, refletindo o conjunto sócio-cultural que define como observa Sapir (1929, p. 42): “Uma língua é, sobretudo um produto social e cultura e como tal deve ser entendida”. A partir das definições apresentadas, Sapir propôs uma perspectiva alternativa ao sugerir que a linguagem influencia a forma como os indivíduos a utilizam e que a percepção de um observador sobre o mundo ao seu redor é controlada de alguma forma fundamental pela linguagem que ele usa. Com o linguista Benjamin Lee Whorf, Sapir formulou uma tese que constituiu durante muito tempo uma referência para o relativismo lingüístico, conhecida sob o nome de hipótese Sapir-Whorf, assim elaborada: “Os homens vivem segundo suas culturas em universos mentais muito distintos que estão exprimidos pelas línguas diferentes que falam”. Deste modo, também o estudo das estruturas de uma língua pode levar a elucidação de uma concepção de um mundo que a acompanhe.

Para o americano Sapir existe ilusões ao se propor o inglês como língua internacional e afirma que “o espírito moderno não se dará por satisfeito com uma língua internacional que apenas estenda as imperfeições e os provincianismos de uma língua em detrimento das outras” e analisa o porque do inconformismo de outros povos diante da expansão ou imposição de uma língua nacional que não é sua. Para ele, A atitude de

independência que um país adota é em verdade uma grande vantagem porque concorre para o homem se sentir dono da língua em vez de seu escravo.

Dentro desse processo, ainda existem os puristas que são pessoas que tem preocupação exagerada com a linguagem escrita ou falada. Essa preocupação que envolve questões da língua, no entanto, não é uma questão recente, nem se refere apenas à língua portuguesa. Outros países também se envolveram, no passado, tentando libertar, salvar e proteger o seu idioma de possíveis “descaracterizações” seja ela por força da invasão de estrangeirismo ou por desrespeito às normas gramaticais vigentes.

No caso do Brasil, a discussão sobre estrangeirismo na língua portuguesa veio à tona e tornou-se mais acirrada a partir de 1999, ano da criação de um projeto de lei apresentado ao Congresso Nacional pelo deputado federal do PC Aldo Rebelo. Esse projeto dispõe sobre “a promoção, a proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa”.

Estrangeirismos sempre estiveram presentes, com maior ou menor volume na língua portuguesa, como elementos enriquecedores, emergentes do convívio cultural dos povos. Palavras e expressões imigrantes decorrem dos rumos do progresso, em sua maioria situam-se no espaço da ciência, da tecnologia, da diplomacia e se fazem indispensáveis.

Não deixando de considerar que a língua tem como traço maior a coletividade, ou seja, ela é um bem de todos, há sempre aqueles que querem defender o seu idioma pátrio, a todo custo e poder, das “invasões estrangeiras”. E há também, os estudiosos da lingüística que percebem esse relacionamento entre as línguas não como uma invasão, mas como um aspecto fundamental para a evolução.

Um estudo diacrônico, ou seja, estudo que tem como referência fatos passados que possibilitam uma observação do processo evolutivo pelo qual a língua passou, revela que línguas sempre influenciaram outras. Os empréstimos lingüísticos que se referem a

palavras/conceitos inexistentes na língua que os recebe, sempre fizeram parte do processo de formação das línguas.

A formação da língua portuguesa deriva do latim que era falado antigamente na região do Lácio onde ficava a cidade de Roma. Com o tempo, Roma foi crescendo e conquistando novos povos. Sabe-se que, quando se estabelecem relações pacíficas ou hostis comerciais ou culturais entre dois povos, sempre haverá repercussão disso no léxico usados por ambos. E geralmente, são os povos que estão no nível de cultura superior que dão ao passo que os de cultura inferior recebem. É o que a História chama de processo de aculturação: interpenetração de culturas, resultante do encontro de diferentes povos.

Assim, Roma impunha o latim como meio de comunicação obrigatório transformando-o assim em língua oficial por toda extensão do longo Império Romano. Além disso, os romanos defendiam seus hábitos, seus valores espirituais, imprimindo feições latinas às culturas dos povos conquistados, que, desse modo, iam se romanizando.

No entanto, o latim levado a essas regiões era o popular (vulgar), uma língua em constante evolução, dinâmica, faladas por soldados e pessoas que proviam de vários lugares, o que a tornaria diferente da língua falada na cidade de Roma. Além disso, os povos conquistados pelos romanos já possuíam uma língua e, ao serem obrigados a empregar o latim, modificavam bastante a pronúncia, incorporavam o vocabulário latino palavras suas, resultando disso uma língua desenvolvida com o tempo, que não era o latim.

Como as conquistas romanas ocorreram em épocas diferentes e como os povos dominados possuíam línguas próprias, as transformações do latim nas várias regiões a que foi levado resultaram em línguas diferentes, embora guardando entre si semelhanças que atestam sua origem comum. Esse processo de influência e transformação provocou a dialeção do latim, surgindo assim as chamadas línguas românticas ou neolatinas, sendo as principais o romeno, o italiano, o francês, o espanhol e o português.

O léxico do português foi formado de empréstimos do árabe das línguas germânicas, do italiano, do espanhol, do francês, das línguas africanas, das línguas indígenas, etc. Assim, a História atesta que empréstimos lingüísticos sempre fizeram parte do processo de formação das línguas. Para tratar de assuntos lingüísticos é preciso sempre atentar as questões históricas e ter bem em mente que a língua é um organismo vivo que está em constante evolução.

Estrangeirismos sempre estiveram presentes, com maior ou menor volume na língua portuguesa, como elementos enriquecedores, emergentes do convívio cultural dos povos. Essa presença se dá através do léxico (vocabulário) de uma língua. É ele que mais sofre mudanças lingüísticas através de estrangeirismos.

O léxico depende da realidade exterior, não lingüística, ele é uma parte do conjunto da língua onde os vocábulos se realizam. A mudança lingüística em todas as áreas, inclusive no léxico, é algo que pertence à própria essência da língua.

(...) o empréstimo lingüístico é tão antigo quanto a história da língua, ou melhor, quanto a própria língua. Estes marcam que uma língua A, veículo de uma cultura, sofreu através dos tempos, pelos elementos lingüísticos estrangeiros que dotou, retrato de elementos culturais diversos que importou. (CARVALHO, 1989, p.9).

A partir das definições apresentadas, observa-se que a questão do empréstimo lingüístico é fator de variação, mudança, consciência lingüística e intercâmbio cultural. Pode-se entender que sempre que há empréstimo cultural, há probabilidade para termos correspondentes, nesse caso a expressão lingüística.

A natureza e a expressão dos empréstimos lingüísticos é fator de variação, mudança, consciência lingüística e intercâmbio cultural. Pode-se entender que sempre que há empréstimo cultural, há probabilidade para termos correspondentes, nesse caso a expressão lingüística. Verifica-se novamente a língua portuguesa como exemplo vivo disso, pois o idioma mencionado resulta do processo de aculturação desde sua formação.

Hoje, o emprego de palavras inglesas misturadas ao português tem se tornado cada vez mais comum e parece ter virado moda. Devido à grande influência econômica e cultural

norte-americana, diariamente existem contatos com a língua inglesa e, como conseqüência nos acostumamos a usar várias palavras que não são traduzidas, mas que pelo seu uso constante acabam compreendidas até por quem não fala inglês. Palavras e frases inglesas estão nas nossas ruas, casas, escritórios, academias e escolas, etc. Para alguns, trata-se de uma ameaça à soberania nacional.

A cultura como uma dimensão do processo social da vida de uma sociedade é uma preocupação contemporânea, bem viva nos tempos atuais. A história registra com abundância as transformações por que passam as culturas movidas por forças internas sem a conseqüência de contatos e conflitos. Frequentemente, por ambos os motivos, compreende todas as elaborações resultantes das capacidades adquiridas pelo homem como integrante da sociedade e essa cultura não decorre da herança fisiológica do homem, mas da capacidade por ele desenvolvida através do convívio social.

Cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual se deve procurar conhecer para que façam sentido às suas práticas, costumes, concepções e transformações pelas quais estas passam. Nota-se, porém, que, o que se considera cada cultura em particular não pode ser dissociado da necessidade de se considerar as relações entre as culturas.

É difícil para o Brasil que abre suas portas para a modernidade não sofrer influência de outras culturas, isto é, a identidade dos indivíduos que fazem parte desta nação está sujeita as mudanças provenientes do contato com outras culturas diferentes. Contudo, a identidade brasileira fica mais difícil de ser conservada à medida que ela sofre influência mediada pelo mercado global, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados.

A cultura não só expressa as condições materiais de um povo, mas também, enquanto conjunto de idéias e sentimentos pode ser arma importante no processo de transformação. Para isso precisa ser orientada para o questionamento das estruturas vigentes, a denúncia e análise de problemas nacionais e o auto-esclarecimento da população a respeito de seus próprios interesses, capacidades e possibilidade de superação. ALVES, 1988, p. 142).

O modo de vida de muitos povos resulta da fusão de outros modos de vida, ou seja, de culturas de outros povos que, por alguma circunstância entram em contato. O processo de transformação de cultura em contato é denominado aculturação, que pode dizer respeito à mudança recíproca de dois ou mais povos, ou categorias em contato, ou pode ocorrer em sentido unilateral quanto a uma categoria nacional ou étnica, por exemplo, presente em uma sociedade que não a sua é influenciada pela cultura dessa sociedade sem contudo afetá-la culturalmente.

Não pode haver aculturação por meio de contato à distância, através dos meios de comunicação de massa, pois o contato indireto somente afeta os aspectos superficiais do comportamento e das idéias dos seres humanos – o gosto musical, por exemplo. A intensa exposição indireta do brasileiro ao estilo de vida e à música popular do povo norte-americano, por meio do cinema, da televisão, do rádio e do disco, não provocou ao contrário do que alguns acreditam nenhuma mudança significativa no comportamento, nos modos de sentir e de pensar do brasileiro, isto é, não provocou a “americanização”, de vez que não tornam mais individualistas, mais competitivos, pragmáticos e puritanos, segundo os padrões dominantes da cultura norte-americana.

Em razão do imperialismo, primordialmente da Inglaterra e, mais tarde, dos EUA, a língua inglesa atualmente detém o poderio de idioma mais falado no mundo. Cerca de 40 países mantêm a língua inglesa como idioma oficial. Dentre eles os principais: Inglaterra, EUA, Austrália, Canadá, Nova Zelândia, Irlanda, Escócia, Gales.

Outras nações como a África do Sul, Índia, Paquistão, Camarões, Trinidad e Tobago, que já foram colônias inglesas, apesar de terem conseguido estruturar uma cultura bem divergente da europeia (só depois de lutarem pela independência) ainda ficaram presas a algumas raízes daquela época, e uma delas, a língua inglesa.

Na verdade, há varias formas de uma língua se infiltrar em tantas nações e dominar essa universalização por muito tempo. Em muitos casos (na época das conquistas) ela era imposta em países dominados pelas metrópoles colonizadoras. Mas voltando-se para a língua inglesa, esta obteve seu domínio global já no século XX, com a “corrida da globalização”. Quem tratou de “dominar” os idiomas de outras nações foram justamente àqueles países que estavam não só política e economicamente no poder, como também no domínio cultural. A Inglaterra passou então a disputar com os EUA essa posição, de dominadores. Nesse caso mais recente, da dominação do inglês no século passado, o idioma foi aceito por varias nações de forma voluntária. Nações que, depois de independentes, já estavam com uma cultura a criar, mas se impuseram a aceitar o inglês, por conta do poder daqueles países dominantes da língua inglesa.

Aprofundando-se a falar não mais do que foi o imperialismo inglês, mas de como essa língua se comporta atualmente nos países que a dominam, nota-se que em alguns destes que essa infiltração continua ainda muito forte e, a isto, considera-se estrangeirismo.

Os Estados Unidos da América e o Canadá são os únicos países da América a dominarem perfeitamente a língua inglesa. Ambos têm uma “indústria da educação” baseada no ensino do inglês em países como a Nova Zelândia, que não tem um inglês tão rico quanto o deles.

Os norte-americanos, com um inglês que mantém traços diferentes do inglês britânico, também são intensamente familiarizados com sua língua. E, apesar de existir no país alguns poucos sinais de outros idiomas, eles fazem questão de manter fechada e ao mesmo tempo aberta sua cultura. Fechada para receber qualquer influencia de outra cultura; e aberta para introduzir seus costumes em qualquer nação interessada. Ou seja, dentro do país, somente o inglês americano (como eles diferenciam seu inglês do britânico) e fora, também!

O deputado federal Aldo Rebelo (PC do B/SP) deu entrada na Câmara dos Deputados num Projeto de Lei que "Dispõe sobre a promoção, a proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa". A leitura do texto do projeto deixa bem claro que o grande alvo de ataque do autor são os chamados estrangeirismos, isto é, termos e expressões de outras línguas que estão sendo cada vez mais empregados na língua falada e escrita no Brasil. Mais precisamente, concentra-se nas palavras de origem inglesa.

O projeto também faz referência elogiosa à lei francesa de 1975 sobre os anglicismos que, como toda legislação desse tipo, não teve nem de longe o efeito esperado, sendo, aliás, alvo de escárnio por parte dos franceses, que cada dia mais recheia sua fala de termos oriundos do inglês.

Na França, o governo e autoridades lingüísticas estão envolvidos desde 1973 em uma campanha maciça para manter a soberania da língua nacional sem a interferência de outros idiomas. Em 1994 aprovou lei para tentar preservar o idioma nacional. O dispositivo proibia o uso de idiomas estrangeiros em todas as atividades da vida social, comercial e intelectual. Naquele ano, houve uma grande polêmica em consequência da proposta do então ministro da Justiça Jacques Toubon que pretendia proibir, até mesmo em assuntos de caráter pessoal, o uso de expressões estrangeiras.

O projeto aprovado, no entanto, foi bem menos ousado que a proposta apresentada inicialmente. Na nova versão, em vez de proibir o uso de estrangeirismos em conversas particulares, o governo publica lista nos jornais de sugestões de palavras francesas a serem utilizadas pela população para substituir os termos estrangeiros.

Atualmente, sempre que surge um impasse sobre uma palavra que não tenha tradução precisa em francês, cabe ao Conselho Superior da Língua Francesa criar novos termos.

Para definição de posições, é importante deixar claro que o projeto da parlamentar já encontrou um elevado grau de rejeição por parte da maioria dos lingüistas e pesquisadores

engajados na investigação dos fenômenos lingüísticos do Brasil. Os termos lingüistas e pesquisadores são destinados a pessoas que analisam a língua de acordo com teorias científicas consistentes, com base em coleta de dados da língua realmente utilizada pelos brasileiros, coleta feita segundo metodologias rigorosas, diversas vezes testadas e aprovadas.

A proposta de Aldo Rebelo, segundo este, começou a ser desenhada quando ao caminhar pelas ruas das cidades, percebeu que a quantidade de palavras e expressões estrangeiras, notadamente o inglês, era excessiva. Por essa e outras razões é que Possenti afirma que o projeto de lei do deputado “reproduz algumas das mais óbvias inverdades sobre a língua, dessas bastante banais que vêm sendo repetidas há séculos”.

Pelo radicalismos com que é tratada a preservação da pureza lingüística, para cuja proteção o estrangeirismo constitui uma ameaça e conseqüente descaracterização – afirmação constante no projeto de lei - , a proposta de Rebelo se mostra simplista em relação à realidade evolutiva e inegável de um idioma.

O deputado Aldo Rebelo pondera o seguinte sobre descaracterização:

“De fato estamos a assistir a uma verdadeira descaracterização da Língua Portuguesa, tal a invasão indiscriminada e desnecessária de estrangeirismos - como holding , recall, franchise, coffee-break, self-service - e de aportuguesamentos de gosto duvidoso, em geral despropositados – como “estartar”, printar, bidar, atachar, database. E isso vem ocorrendo com voracidade e rapidez espantosas que não é exagero supor que estamos na iminência de comprometer, quem sabe até truncar, a comunicação oral e escrita com o nosso homem simples do campo, não afeito às palavras e expressões importadas, em geral do inglês norte-americano, [...]. (REBELO, 2000, P.13).

Várias reações contrárias surgiram ao projeto de Rebelo e com origem nas mais variadas fontes. Dentre elas destacamos:

Carlos Alberto Faraco:

A lingüística tem mostrado que não existe língua homogênea: toda e qualquer língua é um conjunto heterogêneo de variedades. Cada variedade é resultado das peculiaridades das experiências históricas e socioculturais do grupo que a usa: como ele se constitui, como é sua posição na estrutura socioeconômica, como ele se organiza socialmente, quais seus valores e visão do mundo [...]. (FARACO, 1991, p. 18).

Seguindo a mesma dinâmica, vejamos o pensamento de Paul Chilton:

[...] há uma invasão lingüística: Pois bem: invasão evoca apenas uma parte do conjunto de idéias e palavras que se referem a guerras. Se o inglês está nos invadindo, então podemos dizer também que essa língua é uma ameaça; que ela é perigosa; que precisamos proteger e defender nossa língua; que uma das armas pode ser a legislação. E assim por diante [...]. O uso de inglês por falantes nativos do português é de fato alguma coisa que se assemelha a uma guerra? Para começar ninguém nos força a usar palavras do inglês. Se há realmente uma invasão temos que resistir pelo uso da força. (CHILTON, 2004, p. 133).

Mesmo com opiniões adversas, Aldo Rebelo deseja dar um basta a todo o processo chamado estrangeirismo, tido como agressão a um valioso patrimônio da nação, a Língua Portuguesa. Quem não se enquadrar na nobre missão de cuidar do bem público será enquadrado na forma da lei, punido com regras de comportamento lingüístico preestabelecidas mediante legislação. Estabelece o deputado no artigo quarto que “todo e qualquer uso de palavra ou expressão em língua estrangeira, ressalvados os casos excepcionados nesta lei e na sua regulamentação, será considerado lesivo ao patrimônio cultural brasileiro, punível na forma da lei”. Conforme o artigo quinto do projeto de Rebelo, existe a possibilidade da troca de palavra estrangeira por uma brasileira a partir de noventa dias da publicação da lei.

A língua tem esta qualidade maravilhosa de ser, ao mesmo tempo, um patrimônio público e um bem individual Assim, é bastante razoável que o deputado critique a expressão "Personal Banking" estampada nos caixas eletrônicos do Banco do Brasil espalhados em todo o território nacional (embora esse banco não seja rigorosamente oficial). Mas, mesmo aí, seria difícil delimitar o que é exclusivamente português — a palavra cheque, por exemplo, que parece tão nossa, é inglês "puro", inclusive na grafia... Haveria sucesso em substituí-la por um "equivalente" em nossa língua?

Numa primeira etapa, o elemento estrangeiro, empregado em um sistema lingüístico é sentido como externo ao vernáculo desta língua. É então denominado estrangeirismo, ou seja, ainda não faz parte do acervo lexical do idioma.

O estrangeirismo costuma ser empregado em contextos relativos à cultura alienígena, externa à da língua enfocada. É facilmente encontrado em vocabulários técnicos – esportes, economia, informática como também em outros tipos de linguagens especiais: publicidade e colonismo social. O vocabulário esportivo das corridas automobilísticas de Fórmula I citado a título de exemplo, recebe vários anglicismos. Entre eles, *pole-position*, a “primeira posição no momento da partida”, e *flying lap*, uma “volta rápida”. Elementos ingleses, alguns dos quais – *know-how*, *joint-ventures*, *leasing*, *merchandising*, *over e overnight* – já dicionarizados no Novo Aurélio.

Na linguagem publicitária de jornais e revistas, estrangeirismos são frequentemente citados em propagandas referentes a produtos importados: aparelhos de som, de vídeo-cassete... Em anúncios que apresentam artigos não técnicos, o estrangeirismo pode ser motivado por uma razão apelativa, característica do estilo publicitário.

Enquanto estrangeirismo, o elemento externo ao vernáculo de uma língua não faz parte do conjunto lexical desse idioma. A incorporação ortográfica da unidade lexical estrangeira ao sistema português, não constitui uma regra. Muitos empréstimos assimilados – *abajur*, *xampu* - revelam tal adaptação, porém observa-se, com certa freqüência, que a forma gráfica integrada ao português chega a concorrer com elemento grafado de acordo com a língua de origem. Exemplo interessante é oferecido pelas grafias *teurnée*, forma francesa, e *turnê*, integrada ortograficamente ao português. Ambas são dicionarizadas pelo Novo Aurélio e empregadas lado a lado no mesmo periódico.

Outro modo de integração de uma formação estrangeira a um outro sistema lingüístico é representado pelo decalque, de difícil reconhecimento, pois consiste na versão literal do item léxico estrangeiro para a língua receptora. O sintagma *alta tecnologia*, decalcado no inglês *high technology*, constitui um exemplo dessa espécie de adaptação.

Da mesma maneira que em outros sistemas lingüísticos, os neologismos por empréstimos recebidos pelo português distribuem, sobretudo, entre a classe substantival e, mais raramente, entre adjetivos e verbos. A base emprestada, em geral, mantém a classe gramatical da língua de que provém. Em certas ocasiões sofre alteração em sua categoria de origem.

Os estrangeirismos escritos pela imprensa brasileira seguem, em geral, a flexão de número da língua a que procede. Já os empréstimos adaptados ao português tendem a flexionar-se, quanto a essa categoria, de acordo com as regras da morfologia portuguesa.

Não basta a criação do neologismo para que ele se torne membro integrante do acervo lexical de uma língua. É, na verdade, a comunidade lingüística, pelo uso do elemento neológico ou pela sua não-difusão que decide sobre a integração dessa nova formação ao idioma. Por isso, não se pode, inicialmente, identificar as criações léxicas que chegarão a anexar-se ao código de uma língua, pois fatores extralingüísticos, como tendências políticas, econômicas e culturais, interferem freqüentemente e ajudam a determinar a possibilidade de integração de unidades léxicas.

A luta contra os estrangeirismos vem de longas datas. No final do século passado, por exemplo, o filólogo português Cândido de Figueiredo esbravejava contra o "enxerto da francesia", contra a "malária" representada pela "invasão" de termos e expressões de origem francesa no português, prevendo, como se faz hoje, a ruína e até o possível desaparecimento da língua portuguesa! Apesar da profecia apocalíptica dele e de outros, o português continuou vivo e dinâmico, usado por cada vez mais gente, sendo a sexta língua mais falada no mundo todo. Primeiro foi o francês, agora é o inglês. Mudou a língua "invasora", mas o discurso purista permanece o mesmo.

Por isso, não há razão para se opor ao uso dos termos vindos do inglês, sobretudo no campo da informática. Nem há como exercer controle sobre todos os detalhes do uso da

língua e querer impedir assim a suposta avalanche dos estrangeirismos. Não existe língua pura: o vocabulário de qualquer língua do mundo é o resultado de séculos de intercâmbios com outros povos, outras culturas e, conseqüentemente, outras línguas. E agora que esses intercâmbios são ainda mais intensos e freqüentes, lutar contra os empréstimos lingüísticos é uma luta desde já perdida.

O uso da língua não precisa de legislação. A língua é um sistema auto-regulador, ela mesma dá conta de suas necessidades. Ela mesma acolhe o que tem serventia e descarta o que é dispensável. E ela é assim porque é falada por seres humanos que querem se fazer entender, interagir, se comunicar uns com os outros. A língua não precisa ser "defendida", muito menos de seus próprios falantes que são seus legítimos usuários e devem ter a liberdade de fazer dela o que bem quiserem. Os males da globalização são outros. O uso de termos estrangeiros é uma mera conseqüência, a mais inofensiva delas.

As abordagens feitas nas pesquisas centraram-se basicamente no estudo sobre a influência do estrangeirismo, mais precisamente da língua inglesa na língua portuguesa. A partir disso, observou-se que sempre haverá mudanças lingüísticas dentro do sistema lingüístico português, o léxico é o primeiro elemento que demonstra tal evolução, por ser ele o retrato dessas experiências sociais e culturais em que o ser falante está inserido.

Observa-se nesta pesquisa as “duas faces da moeda” que o presente estudo analisou a recepção da língua portuguesa em relação aos novos termos, o uso e o abuso de termos inglês e a reviravolta causada pelos projetos de lei favorecendo o purismo lingüístico; para concluir que o fenômeno dos empréstimos sempre existiu e existirá nas línguas naturais, pois se trata de uma característica própria da evolução. No entanto, essa relação de influência entre as línguas não pode ser vista como fator isolado das questões sociais, políticas e culturais em que a comunidade falante está inserida. Para melhor demonstrar o que foi exposto toma-se

como exemplo a relação língua portuguesa e língua inglesa na atualidade, como um retrato vivo de supremacia econômica, da aculturação e do reflexo do contexto tecnológico mundial.

Falar de estrangeirismo hoje é falar de língua viva, de relações do mundo, da “aldeia global”, do acordo coletivo já mencionado para entender a língua como um sistema, como um reflexo da sociedade e acima de tudo como o bem que precisa ser defendido, mas não limitado.

Nessa perspectiva, não é aceitável a tese de que se deve limitar a influência de outras línguas à realidade de um país apenas, caindo num provincianismo e/ou nacionalismo cultural, que se fecham às conquistas mundiais e que têm servido historicamente à tomada de posições retrógradas e reacionárias.

Referências

ALVES, Júlia Falivene. *A invasão cultural americana*. 14 ed. São Paulo: Moderna, 1988.

ALVES, Maria Ieda. *Neologismo – Criação Lexical*. 2ª ed. Editora Ática. São Paulo 1994.

BAGNO. M. *Língua materna – Letramento, variação & ensino*. São Paulo: Parábola Editorial. 2002 b.

CAMARA JR, Joaquim Matoso . *Estrutura da Língua Portuguesa*. Editora Vozes 28ª. Ed. – Petrópolis 1998.

LEMOS. Carlos Alberto. *O que é patrimônio histórico*. Coleção Primeiros Passos, brasiliense, 5ª edição São Paulo 2004.

CATONI, Antonio Mendes. *O que é Imperialismo – Coleção Primeiros Passos – Brasiliense* 9ª edição, revista e ampliada 1992 . 5ª reimpressão. São Paulo 2004.

COHEN, Benjamin J., *A Questão do Imperialismo. A Economia Política da Dominação e Dependência*. Tradução de LOPES, Maria Isabel da Silva. Zahar Editores. Rio de Janeiro 1976.

CUNHA, Celso. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. 5 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

- FARACO, Carlos Alberto, (org) . *Estrangeirismos, guerra em torno da língua* São Paulo: Parábola Editorial, 2001.
- FIORIN, José Luiz. *Considerações em torno do projeto de lei número 1676/99*.
- LUFT, Celso Pedro. *Língua e liberdade – por uma nova concepção da língua materna*. 8 ed. São Paulo: 2001.
- POSSENTI, Sírio. A questão dos estrangeirismos. In Faraco, C. A. (org). *Estrangeirismo: guerra em torno da língua*. São Paulo: Parábola Editorial, 2001
- REBELO, Aldo. *Projeto de lei nº 1676, de 1999. Dispõe sobre a defesa e o uso da língua portuguesa e dá outras providências*. <<http://www.portrasdasletras.folhadaregio.com.br>. Acesso em 11 de abril de 2006.
- SANTOS, José Luiz dos. *O que é Cultura*. Editora Brasiliense. Coleção Primeiros Passos, 5ª Edição. São Paulo 1986.
- SAPIR, Edward. *A linguagem – uma introdução do estudo da fala*. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- SEBASTIÃO, Vila Nova. *Introdução a Sociologia – Atlas – Revista e aumentada* – São Paulo 2004.
- SCHÜTZ, Ricardo. *Monolingüismo dos tempos atuais*. Disponível em: Acessado em 05/03/2006.